

A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes

Elisângela Ribas – Programa de Pós graduação em Educação em Ciências e Matemática -
PUCRS – elisribas@yahoo.com.br

Ângela Ribas – PUCRS – angela_multimeios@yahoo.com.br

Denise da Sena Pinho – Programa de Pós graduação em Educação em Ciências e Matemática
– PUCRS – denisenapuc@yahoo.com.br

Regis Alexandre Lahm – Programa de Pós graduação em Educação em Ciências e
Matemática – PUCRS – lahm@puers.br

Resumo

A escrita impulsionou mudanças na época da sua criação que permanecem até os dias atuais. Hoje, grandes avanços em várias esferas da sociedade se dão principalmente devido às tecnologias de informação e comunicação. Neste estudo destaca-se a internet como incentivadora de alterações na forma de escrita, tendo inclusive uma abordagem própria: a linguagem virtual, utilizada principalmente pelos adolescentes. Pretende-se apresentar teoricamente algumas características da escrita virtual e sua influência na construção da linguagem pelos adolescentes, que estão, muitas vezes, aprimorando o processo de produção escrita. Os autores buscam saber se há influência da escrita virtual na escrita formal de adolescentes.

Palavras-chave: escrita virtual – linguagem – ambientes virtuais - *chat*

Abstract

Writing has impulsioned some changes since its creation until the present days. Nowadays, great advance, in different areas of society, is due to the information of technology and communication. In this work the Internet is pointed out as a stimulator of changes in the writing form, with its own approach: the *virtual* language, used by teenagers. The intention here is to present, theoretically, some characteristics of the virtual writing, and its influence on the language construction of teenagers, which are, most of time, increasing their own process of written production. The authors are interested in finding out if there is any influence of virtual writing on the teenagers' formal writing.

Keywords: virtual writing – language – virtual learning environment – *chat*

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está cercada dos mais diferentes recursos tecnológicos como aparelho celular, caixas eletrônicos nos bancos, internet, entre outros. Os avanços surgem com uma velocidade nunca vista em outros tempos, temos acesso a inúmeras informações e das mais diversas fontes que chegamos a nos sentir desinformados, porque muitas vezes não conseguimos acompanhar esse ritmo tão acelerado.

Nesse contexto, encontram-se os adolescentes que são uma parte da sociedade que está mais familiarizada com essa realidade, já que nascem inseridos nessa conjuntura, diferentes de seus pais e professores que sentem certo receio, e muitas

vezes, dificuldades em adaptar-se ao novo. A dúvida é como os adolescentes comportam-se diante dessa realidade, pois estão em fase de amadurecimento, conflitos, decisões, e não estão maduros o suficiente para ter um olhar crítico diante de determinadas situações e percebemos que eles pertencem a uma espécie de “tribo”, ao ponto de terem sua linguagem própria, pois “a linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração *net*, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos” (AMARAL, 2003, p. 31).

Uma das preocupações que surge é quando todas essas tecnologias passam a influenciar algumas das atitudes desses adolescentes, já que, segundo Fasciani (1998, p. 119), “nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que disso se faz que pode ser julgada com regras éticas.”

Acreditamos que esse público, ao utilizar cada vez mais a internet para se comunicar, principalmente os *chats*, aos poucos vai ficando com seu raciocínio limitado, já que o discurso utilizado nas salas de bate-papo caracteriza-se por frases curtas e abreviações, sendo que a utilização freqüente dessa linguagem pode interferir nas produções realizadas pelos adolescentes na sala de aula. Nesse momento nos deparamos com questionamentos que nos fazem pensar sobre até que ponto a influência é saudável e não surge como um empecilho no processo de alfabetização.

Na frase: “- **Og v6s naum tm 9da10?**”, temos um exemplo da linguagem utilizada nas salas de bate-papo, e o leitor consegue interpretar o que está escrito, uma vez que está lendo como se estivesse ouvindo. Ele sabe que esse código significa: - **“Hoje vocês não tem novidades?”**. Porém, no momento de escrever de maneira formal, podem surgir erros de gramática, já que, conforme Freitas (2005, p.13),

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito.

Uma frase escrita conforme o exemplo acima não apresenta mais a maneira formal da escrita e, sim, um novo símbolo e, agora, a visão não é mais suficiente no momento de interpretá-lo e inseri-lo em suas produções textuais, pois no código **“Og”** não é possível identificarmos o tipo de letra correta para transformá-lo na palavra **“Hoje”**. Considerando que, no ambiente virtual a compreensão se dá principalmente através da fonética, é preciso refletir sobre a extensão dessa alternativa de percepção, para poder avaliar/analisar sua influência sobre a produção textual.

A escrita está presente em nosso dia-a-dia, seja em uma carta, uma notícia lida em revista ou jornal, no bilhete da geladeira ou então, naquele e-mail que recebemos ou enviamos, por isso ela tornou-se cada vez mais importante e prioritária para nossa existência, já que agora também nos comunicamos através da escrita, ainda que de maneira diferente daquela feita através das cartas: “Sim, pela primeira vez nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pela palavra escrita. E lida, é claro. [...] Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto”. (FREIRE, 2003, p. 22).

A evolução da escrita trouxe consigo seus benefícios, mas também algumas preocupações, principalmente em se tratando da formação de adolescentes, pois esse público está em fase de amadurecimento pessoal, construindo valores que farão parte da

sua personalidade, e as influências ao seu redor muito contribuem, de forma positiva ou negativa, nessa formação.

1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA ESCRITA VIRTUAL

Saindo do início da era da escrita e nos transportando até o século XXI, deparamo-nos com uma realidade aparentemente diferente da encontrada na época dos sumérios, mas como naquele tempo, atualmente nossa sociedade está vivendo uma grande revolução, a revolução tecnológica, que acaba exercendo grande influência em nosso comportamento.

A proliferação da Internet no mundo tem mudado - e muito - os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas. Costa (2005, p.24) destaca que,

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate-papo (*chats*) na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas lingüísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre ambas as conversações: tempo real, correção *on-line*, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. Mas há também algumas diferenças que, contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na *realidade "real"* da conversação cotidiana e na *realidade "virtual"* da conversação internáutica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada-escrita.

Diante dessa realidade, é necessário atentarmos não só para as ferramentas tecnológicas que surgem a cada instante, mas também para as influências que as mesmas têm apresentado com seu surgimento, especialmente em um país como o nosso, já que

75% da população brasileira na faixa etária dos 15 aos 64 anos não sabe ler e escrever plenamente, ou seja, identifica letras e palavras, mas não consegue usar a leitura no seu cotidiano. São os chamados analfabetos funcionais, a maioria da população do país. Na outra ponta, apenas 25% da população nessa mesma faixa etária é alfabetizada, tem domínio pleno da leitura... (CORREIO DO POVO, Set 2005).

A questão relacionada ao analfabetismo, principalmente em um país como o Brasil, deve ser considerada quando falamos no uso de tecnologias, Ferreiro (2002, p. 63) fala que,

O verdadeiro desafio é o da crescente desigualdade: o abismo que já separava os não-alfabetizados, vem se alargando cada vez mais. Alguns não chegaram nem sequer aos jornais, os livros e as bibliotecas, enquanto há quem corra atrás de hipertextos, correio eletrônico e páginas virtuais de livros inexistentes.

Com isso, pensamos que, a comunicação através dos ambientes virtuais pode ser uma vilã para um aumento do analfabetismo, já que nos diálogos utilizados nos ambientes virtuais, deparamo-nos com uma realidade até pouco tempo desconhecida. Othero (2004, p. 23) enfatiza que:

Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na

Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo, é preciso escrever rapidamente.

A revolução na escrita veio para ficar, pois é ágil, acontece de forma instantânea e surpreende tanto os que a idolatram, quanto aqueles que a vêem como um perigo, pois para esses, esta escrita pode ser prejudicial aos alunos em fase de alfabetização. Conforme comentado anteriormente, a internet está transformando os hábitos da população mundial. Assim ocorre igualmente com nossas formas de comunicação, que agora passa a ser também virtual. Lévy (1996, p.15) destaca que

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente.

Essa potência existente na virtualidade está presente no nosso dia-a-dia, pois nos comunicamos com caixas eletrônicas de bancos, trocamos correspondências através do correio eletrônico, lemos textos na tela do computador e, com isso, a escrita também está se transformando, pois agora utilizamos um novo suporte, que é o computador. Assim como seria estranho imaginar escritas cursivas em peças de barro, os que utilizam a comunicação virtual consideram estranho que as frases sejam escritas como em um texto de um livro, pois além da ferramenta necessitar da agilidade de quem escreve, a comunicação precisa agregar símbolos para que o receptor compreenda o emissor, pois na maioria das salas de bate-papo não existem outros recursos como som e imagem.

1.1 O CHAT E SUA LINGUAGEM VIRTUAL

O significado da palavra *chat* vem do inglês e quer dizer “conversa”. Essa conversa acontece em tempo real, e, para isso, é necessário que duas ou mais pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo, o que chamamos de comunicação síncrona. São muitos os *sites* que oferecem a opção de bate-papo na internet, basta escolher a sala que deseja “entrar”, se identificar e iniciar a conversa. Geralmente, as salas são divididas por assuntos, como educação, cinema, esporte, música, sexo, entre outros. Para entrar, é necessário escolher um *nick*, uma espécie de apelido que identificará o participante durante a conversa. Algumas salas restringem a idade, mas não existe nenhum controle para verificar se a idade informada é realmente a idade de quem está acessando, facilitando que crianças e adolescentes acessem salas com conteúdos inadequados para sua faixa-etária.

No virtual encontramos comumente os *emoticons*, que, segundo Freire (2003, p. 27) “surgiram por volta de 1980 para expressar os sentimentos daquele que escreve: alegria, raiva, dúvida, etc. Há páginas na internet com verdadeiros glossários desses símbolos, indicando que essa terminologia está em franca evolução”. Os *emoticons* são figuras coloridas e comuns nas conversas em salas de bate-papo, assim como em mensagens enviadas por correio eletrônico. Porém, alguns sites não disponibilizam esses símbolos em forma de figura, mas para quem participa dessa “conversa” virtual, isso não é empecilho, já que contam também com as “caracteretas”, que são símbolos criados pelos emissores para formar expressões que representam sentimentos, como destacam Pereira e Moura (2005, p. 76), os internautas

utilizam também as teclas, como: os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de ‘maior’ e ‘menor’ etc, que,

conjugados (formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sono, entre outras) são utilizados, pelos interlocutores, com o objetivo de representar, durante a dinâmica do diálogo que se trava, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral face-a-face.

É importante admitir que a escrita virtual, ou o “internetês” como também é conhecida, conta com uma criatividade extraordinária de seus usuários, prova disso são as inúmeras “caracteretas” que, podem expressar os mais variados sentimentos. Na conversa virtual, o uso da linguagem abreviada, dos “emoticons”, das “caracteretas” é freqüente, já que não existe a expressão facial, e, diferente da conversa telefônica, que também é à distância, não é possível sentir a entonação da voz que quem fala, nesse caso de quem escreve. Então, para evitar os mal-entendidos, os internautas utilizam os mais diversos recursos para fazer da língua falada-escrita, uma conversa informal e irreverente.

2 SER ADOLESCENTE NO SÉCULO XXI

As famílias do século XXI se diferem das famílias de outras eras, pois conforme Tiba (2005, p. 36) “as famílias, além de ficarem menores, se isolaram. Convivem mais com amigos que com os familiares”. Isso se deve ao fato dos pais estarem cada vez mais ocupados, trabalharem (e muito), e nos momentos de folga, querem se isolar. Outra diferença nas famílias da sociedade atual, é a contribuição da mulher no mercado de trabalho, com isso, passa a exercer uma contribuição ativa na renda familiar.

As famílias de hoje, realmente estão a cada dia, diferentes das famílias dos nossos pais e avós, a estrutura familiar também já não é mais a mesma, pois não segue mais aquele padrão que tinha a figura do pai, da mãe e dos filhos. Atualmente, são muitos os casos em que uma família constituída conta com a mãe, os avós, o novo marido (ou a nova esposa), os filhos do novo casamento, mais os filhos do antigo casamento, e assim por diante.

Dentro da realidade apresentada, como ficam os filhos, principalmente os adolescentes? Como acrescenta Tiba (2005, p. 36),

Os adolescentes de hoje começaram a ir para a escola praticamente com 2 anos de idade. Com suas mães trabalhando fora de casa, e os pais trabalhando mais ainda, eles passaram sua infância na escola, com pessoas cuidando deles, num mundo informatizado. As ruas foram trocadas pelos shoppings, a vida passou a ser condominial, e as esquinas das padarias transformaram-se em esquinas virtuais e lojas de conveniência.

Sendo assim, os adolescentes passam a maior parte do tempo livres, sem a presença da família, podendo tomar suas decisões sozinhos, fazer suas escolhas, já que seus pais ou responsáveis se sentem na obrigação de dar a eles o conforto que não tiveram, esquecendo, as vezes, de que o que os filhos precisam de carinho, atenção, momentos livres para que seus pais ouçam seus anseios e aflições, assim como, precisam de limites, regras, disciplina, entre outras necessidades.

Os adolescentes não têm idade suficiente para tomarem grandes decisões e, também são considerados grandes demais para decidir as pequenas coisas. O fato é que a adolescência, apesar de ter uma idade pré-estabelecida para o seu surgimento, muitas vezes tem se manifestado antes do tempo, e em alguns casos pode prolongar-se por mais tempo. Segundo Outeiral (2003, p.5) “a Organização Mundial da Saúde (OMS), considera a adolescência como constituída em duas fases: a primeira dos 10 aos 16

anos, e, a segunda, dos 16 aos 20 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente situa essa etapa entre 12 e 18 anos”.

Com a indisciplina típica dessa fase surgem os conflitos no lar, pois os pais não compreendem algumas atitudes agressivas de seus filhos, já que, embora façam um grande esforço para lhes dar o que necessitam, sentem-nos cada vez mais distantes, enquanto que os filhos sentem-se incompreendidos e sós. Esta é uma fase temida pelos pais, pois desejam defender seus filhos, mas não sabem como agir. Apesar da geração ser de pais mais liberais, os mesmos não se sentem à vontade para conversar e dialogar com seus filhos, muitas vezes preferindo fechar os olhos para muitas de suas atitudes. Sardilli e Cantafio (1998, p. 137) comentam que,

(...) nessa fase de desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, ele atravessa um momento de grande confusão, de crise religiosa e dos valores, de crise de identidade. A palavra crise se adapta bem ao período da adolescência já que significa mutação e é índice de crescimento.

Com isso, o adolescente sente uma necessidade de enfrentamento, sem saber exatamente o que está enfrentando, sai em busca de identificação com grupos ou atividades, e conforme os autores,

Tudo isso impele o adolescente a se refugiar em uma determinada realidade, a realidade dos alucinógenos, da fantasia e da virtualidade, aparentemente menos perigosa, esta, do que a tóxico-dependência, se ela mesma não se transforma em fuga fácil das frustrações da realidade social. (Idem, 1998, p. 138).

Diferente dos adolescentes de gerações passadas, os de hoje contam com mais um “aliado” para suas fugas, que é o computador, surgindo como uma fuga *aparentemente menos perigosa*. Os pais acreditam que seus filhos estão seguros, por passarem várias horas em frente à máquina, desfrutando de jogos ou navegando na *internet*, porém os adultos desconhecem, muitas vezes, os perigos que a virtualidade pode proporcionar no desenvolvimento do indivíduo, ainda que este não seja o foco principal deste trabalho, podemos afirmar que, na geração passada, fechar-se no quarto era um castigo dos mais comuns que os pais aplicavam quando seus filhos faziam o que não deviam, mas Tiba (2005, p. 84) coloca que,

fechar-se no quarto hoje é estar longe da família, mas conectado ao mundo via Internet, telefone, televisão... assim, há muitos jovens que não precisam sair de casa para ir para as esquinas e padarias, pois do quarto entram nas esquinas e padarias virtuais. Nestas, assim como nas presenciais, existem boas e más companhias e bons e maus artigos a serem comprados. Existe a segurança física de estar dentro do quarto em casa, mas a insegurança virtual ronda a sua vida.

Sendo assim, é necessário que a família participe dessa “realidade virtual”, procurando saber quais os sites preferidos pelos filhos e, caso os assuntos não sejam saudáveis, é importante o diálogo entre os pais e os filhos, para que eles compreendam que assim como nas ruas, a *internet* oferece inúmeros perigos aparentemente inofensivos.

3 METODOLOGIA

O público-alvo da pesquisa foram alunos de duas turmas de sexta série do ensino fundamental de uma escola privada de Porto Alegre. A escolha por uma escola privada, e não pública, deu-se pelo fato de supor que os alunos da escola privada têm acesso,

com maior frequência ao computador, pois mesmo que não disponham do computador em casa, a escola pesquisada conta com três laboratórios de informática à disposição dos alunos. As turmas pesquisadas totalizaram 57 alunos, sendo que desses 37 eram meninas e 24 meninos, com idade entre 11 e 13 anos.

Para a realização desta pesquisa foram analisadas cinquenta produções textuais construídas a partir de um texto trabalhado pela professora da disciplina. A proposta da professora era que as turmas fizessem a releitura do texto: “Meu filho não sai da internet” e, após refletirem sobre o assunto, elaboraram um texto narrativo no qual o personagem principal vivia uma situação difícil, e que encontrou a solução para seu problema através da internet.

Após a leitura e releitura, foram identificadas cinco produções textuais que apresentavam algum tipo de escrita virtual. A partir dessa identificação, partimos para a categorização dos dados obtidos, pois “a categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no processo inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Os conjuntos de elementos de significação próximos constituem as *categorias*” (MORAES, 2001, P.6). Com isso, após ter realizado as comparações necessárias, emergiram seis categorias, denominadas da seguinte forma: palavras substituídas por números (1); expressões em inglês (2); letras trocadas, alterando o som da palavra (3); palavras abreviadas (4); palavras escritas com letra maiúscula (5); a escrita representando expressões sonoras e entonações da voz (6).

Construídas as categorias, agora é necessário analisar cada uma delas separadamente, pois é nesse momento que conforme aponta Moraes, “o pesquisador precisa de algum modo, afastar-se dos materiais que analisa e dos produtos parciais já atingidos, procurando examinar o fenômeno a partir de um olhar abrangente, afastado dos textos analisados.” (2001, p. 11)

No presente estudo optamos por apresentar na íntegra apenas uma das categorias. A escolha de tal categoria deu-se pelo fato de ser a que apareceu nas cinco produções em que houve características de escrita virtual.

3.1 A escrita representando expressões sonoras e entonações da voz

Na escrita através do computador não é possível demonstrarmos nossos sentimentos de tristeza, angústia ou raiva, pois não contamos com o som, o que faz com que os internautas criem outras formas de demonstrarem seus sentimentos. Pereira e Moura (2005, p. 76) acrescentam que “nesse sentido, recursos como ponto de interrogação, de exclamação e reticências são utilizados, em excesso, pelos papeadores, com o objetivo de dar à escrita a entonação própria da fala”. Com isso, ao lermos uma palavra com vários pontos de exclamação ou com o alongamento da palavra, percebemos que o emissor da mensagem tem a intenção de dar destaque àquela expressão e, o sentimento agregado a ela é entendido no contexto da mensagem.

Além das expressões criadas através do alongamento das palavras e pontuações, outra característica são as expressões onomatopéias, que é a “formação de palavras, cujo som imita aquilo que elas significam...” (FERNANDES, et. al. 1996, p. 440). Sendo assim, observou-se que essas características foram as mais utilizadas pelos sujeitos analisados, como segue:

Sujeito A:

T – Ela quebrou e não tem concerto. vai ter que comprar uma nova

M – NÃO!!!!!!!

Sujeito B:

- **Aiiiiiiii**. que droga eu não estudei nada para prova de ciências e vou me dar mal.

Sujeito C:

- Então como é que eu estou falando?
- É verdade
- **Dãã!**

Sujeito D:

Piiiiiiii. E bateu!

(...) – Cheguei Mamãe! – **Ááátá** filho. (...)

Ammm jasei vou mandar email dos outros (...)

Áta vô fala com essa garota.

(...) – É Diego. **Ammm**. (...)

Sujeito E:

“**TRIIIIIIIIIm... TRIM!**”

- **ah...** droga de despertador!

(...) **Ops!** O que é isto? trabalho de história?!

Como pudemos perceber, as cinco produções textuais analisadas apresentaram entonação nas palavras através de alongamentos das letras e pontuações, como em “Aiiiiiiii”, em que o Sujeito B repete oito vezes a letra “i” para que o leitor ao ler sua narração sinta como o aluno está preocupado por não ter estudado para a prova de ciências. Assim como o Sujeito E, apresentou uma típica expressão onomatopéia, que representa o som do toque do despertador e nesse caso identificamos o som ao analisar o contexto da narração, pois essa expressão pode identificar também o som do toque de telefone.

Muitas vezes, na conversa face-a-face, não conseguimos nos fazer entender e, no diálogo através da linguagem virtual, os mal-entendidos podem se tornar mais comuns, por isso, os internautas fazem, de forma muito criativa, uso de muitos recursos para tornar a conversa o mais próximo possível do diálogo presencial.

Na análise realizada das cinco produções textuais, foi possível identificar algumas características da linguagem virtual, mas outro fator que chama a atenção é o fato dos cinco sujeitos serem meninos, o que confirma a afirmação de Tiba, os meninos se desenvolvem mais lentamente que as meninas e que

os garotinhos precisam receber uma educação diferente, não por machismo, apenas porque funcionam de outro modo. Exigir deles o que ainda são incapazes de fazer complica muito a vida de todos, principalmente a deles, meninos/garotinhos. O mais sensato seria exigir de cada um o que fosse capaz de produzir. (2005, p. 46).

Com isso, entende-se que as características apresentadas nas produções textuais dos cinco sujeitos analisados não apresentaram influências apenas da escrita virtual, mas sim do contexto da virtualidade e da fase de desenvolvimento dos sujeitos, que é a adolescência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propunha a analisar as implicações que a linguagem virtual exerce na linguagem formal de adolescentes e, ao final dessa análise, consideramos que

diante do número de produções textuais analisadas (foram um total de cinquenta), o número de textos que apresentou características da escrita virtual foi pequeno. Acreditamos que esse fato foi influenciado pela própria professora da disciplina, pois durante nossas conversas informais, percebemos que ela desenvolveu um trabalho importante e sério com seus alunos, tratando de temas atuais, como o próprio texto que gerou as produções textuais analisadas, que falava sobre o uso da internet. A escolha por outra série poderia ter apresentado características diferentes, no resultado dessa pesquisa. A decisão pela sexta série deu-se pelo fato dos alunos estarem na adolescência, e por acreditar que eles estariam vivendo o auge de seus conflitos, suas incertezas, sentindo, nessa fase a necessidade do enfrentamento, características típicas da idade.

O problema desta pesquisa – estabelecido da seguinte forma: Quais as influências que a linguagem virtual exerce sobre a linguagem formal de adolescentes? – foi esclarecido, uma vez que identificamos várias características da linguagem virtual presentes nas produções textuais analisadas. Após as análises, é possível afirmar que a linguagem virtual influencia de forma negativa a linguagem formal do público-alvo pesquisado, pois os sujeitos, além de apresentarem textos permeados de peculiaridades da linguagem virtual, construíram textos sem um desenvolvimento, tendo alguns, inclusive, construído narrações sem sentido: davam a impressão de que a história iria começar, quando na verdade estava terminando, contrariando a teoria do MINIMAX, que trata da necessidade de realizar o mínimo esforço para dizer o máximo; porém, a análise desse conteúdo permitiu que se percebesse que foi realizado o mínimo esforço para dizer o mínimo possível. Tivemos a impressão de que os alunos queriam escrever algo rapidamente, para serem dispensados daquela atividade. Outro fator que nos chamou atenção foi que os cinco sujeitos apresentaram uma grafia quase ilegível (muitas vezes foi necessário ler a frase até o final, para tentar “decifrar” algumas palavras através do contexto do texto).

Pensamos que a escrita virtual é extremamente criativa, divertida e capaz de tornar menos frio o ambiente virtual, pois as conversas em ambientes virtuais são tão irreverentes quanto aquelas que temos com os amigos no bar ou no telefone. Porém, avaliamos de forma negativa essa escrita, quando ela passa a influenciar as produções textuais dos alunos em sala de aula. Acreditamos que o problema vai além de “corrigir” as abreviações ou estrangeirismos que aparecem nas produções textuais, é mais do que isso. Ressaltamos que essa influência é negativa, quando passa a atingir o raciocínio dos alunos, que com a utilização constante desse tipo de linguagem, e sem o apoio de um trabalho sob a abordagem pedagógica, vão, aos poucos, limitando seu pensamento, já que, nas salas de bate-papo, os “papeadores” se comunicam através de frases curtas, abreviadas, entre outras características já observadas ao longo desse trabalho.

Em algumas leituras realizadas, encontramos autores que entendem como infundadas as críticas relacionadas à escrita virtual, porém nossa crítica não está relacionada apenas ao código apresentado em uma produção textual e, sim, ao que está por trás dele. Entendemos que, se o sujeito passar a utilizar seus códigos de uma sala de bate-papo em uma produção textual, aos poucos vai deixando de desenvolver seu senso crítico diante de determinadas situações. A dificuldade não está em ler um texto em que o sujeito utiliza uma abreviatura para a palavra “televisão”, mas sim quando o mesmo sujeito, ao deixar de utilizar a abreviatura “TV”, passa a escrever “televisan”. Assim, além de todo o contexto da narrativa não ter muito nexos, o sujeito não consegue desenvolver sua linha de raciocínio, pois mesmo ao escrever da forma culta uma abreviatura, ele o faz apresentando dificuldades ortográficas.

O uso das tecnologias é uma realidade da qual não podemos fugir, porém não podemos idolatrá-las e, tampouco, desconsiderar que seu uso excessivo pode trazer grandes prejuízos, principalmente para a formação de adolescentes como os da faixa etária dos sujeitos analisados. Com essa pesquisa, deparamo-nos com uma professora extremamente preocupada com o aprendizado dos seus alunos, pois trabalhou textos que abordam assuntos da realidade dos adolescentes, com isso aguçando seus interesses. Mas, mesmo com seu trabalho sério, cinco sujeitos apresentaram expressivas influências da linguagem virtual. Assim, refletimos: se as produções textuais analisadas fossem de alunos cujos professores ignoram essa realidade, talvez o resultado fosse diferente, e a influência dessa escrita seria ainda maior. Com isso, pensamos que escrita virtual e a escrita formal não podem ser vistas de forma separada, como se ambas existissem em contextos totalmente isolados. Assim como a fala está atrelada à escrita, os diferentes recursos utilizados para escrevermos se articulam e se interrelacionam.

5 REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sérgio Ferreira. **Internet: novos valores e novos comportamentos**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). A Leitura nos Oceanos da Internet. São Paulo: Cortez, 2003.
- CORREIO DO POVO ON-LINE. Porto Alegre: Correio do Povo On-line. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br>>. Acesso em: 16 Set 2005.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet**. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FASCIANI, Roberto. **Novas tecnologias informáticas, mass media e relações afetivas**. In: PELUSO, Angelo. Org. Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos? Bauru: EDUSC, 1998.
- FERNANDES, Francisco, et. al. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 1996.
- FERREIRO, Emilia. **Passado e Presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Fernanda M. P. **A palavra (re)escrita e (re)lida via Internet**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). A Leitura nos Oceanos da Internet. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Porto Alegre, 2001. (não publicado).
- OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão lingüística de nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo: Othero, 2004.
- OUTEIRAL, José. **Adolescer: Estudos revisados sobre adolescência**. Rio de Janeiro: Reinventer, 2003.
- PEREIRA, Ana Paula M. S. MOURA, Mirtes Zoé da Silva. **A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais**. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SARDILLI, Susanna. CANTAFIO, Lucia. **Do Godem aos autômatos modernos**. In: TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** São Paulo: Integrare, 2005.